



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS:LIBRAS**

HELEN MAIA PEREIRA

**UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE PESSOAS SURDAS
AUTISTAS: ESTRATÉGIAS, INTERVENÇÕES E DESAFIOS**

PORTO NACIONAL -TO

2023

HELEN MAIA PEREIRA

**UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE PESSOAS SURDAS
AUTISTAS: ESTRATÉGIAS, INTERVENÇÕES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Porto Nacional, para obtenção do título
de Licenciado em Letras: Libras, sob orientação da
Profª Ma. Suelen Silva de Oliveira e Coorientador (a):
Dr. George França de Souza

PORTO NACIONAL -TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P436e Pereira, Helen Maia.
Um estudo sobre o desenvolvimento linguístico de pessoas surdas autistas: estratégias, intervenções e desafios. / Helen Maia Pereira. – Porto Nacional, TO, 2023.
39 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Libras, 2023.
Orientadora : Suelen Silva de Oliveira
Coorientador: George França de Souza
1. Surdez. 2. Autismo. 3. Desenvolvimento Linguístico. 4. Educação. I. Título

CDD 419

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HELEN MAIA PEREIRA

**UM ESTUDO SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE PESSOAS SURDAS
AUTISTAS: ESTRATÉGIAS, INTERVENÇÕES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário
de Porto Nacional, Curso de Letras: Libras como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado sob orientação
da Profª Ma. Suelen S. Oliveira
Coorientador (a): Dr. George França
de Souza

Data da aprovação: 11/12/2023

Banca examinadora:

Profª. Ma. Suelen Silva de Oliveira – Orientadora - UFT

Profª. Ma. Victoria Hildago Pedroni – Examinador UFT

Prof. Me. Vinicius Hildago Pedroni – Examinador UFT

PORTO NACIONAL -TO

2023

AGRADECIMENTO

Seria impossível começar esse agradecimento e não voltar meu olhar a Deus. Deus não realizaria em mim desejos irrealizáveis, assim como diz Santa Teresinha do Menino Jesus. A Ele toda honra e glória, em todos os momentos!

De forma muito especial, ao Bruno. Meu primeiro amigo surdo o qual foi responsável pelo primeiro contato com a comunidade surda e por despertar em mim o desejo e a caridade de trabalhar com as pessoas surdas. Ao Rafael Ribeiro, meu ex namorado, ele foi uma peça fundamental em incentivo e apoio ao meu sonho, também minha querida amiga Jaciara, a qual me recebeu em Porto Nacional pela primeira vez.

A minha família, pois sem ela eu não estaria aqui. Meus pais, pelo dom da vida, meus avós pela minha criação, minha irmã e a minha tia, que com suas palavras me confortava no momento de lamúria. A todos, que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus amigos surdos da Universidade Federal do Tocantins, de forma especial, ao Vinícius e Kalebe, que estiveram comigo e contribuíram para meu desenvolvimento linguístico. Que suportaram comigo essa diversidade cultural, sempre com muito zelo e amor. As minhas amigas ouvintes: Kelly, Milena e Luciene. Que vivenciaram comigo essa trajetória, que no momento que eu precisei foram a minha família aqui em Porto Nacional. Principalmente, a Milena, afinal, eu sempre perguntava pra ela "está comigo ou não está" sempre em momentos muito desafiadores.

Ao Bruno Silva, por partilhar a vida comigo durante 8 meses, me dando a oportunidade de adentrar o mundo do surdo, de romper as barreiras de exclusão que a sociedade foi se construindo ao longo do tempo. Ao Everson Carlos, que em muitos momentos esteve comigo não fisicamente, mas, se fez presente me apoiando naquilo que eu precisava para continuar.

Por fim, não menos importante, aos meus professores do curso de Letras:libras, aqueles que durante esses 4 anos se doaram para que eu pudesse chegar até aqui. De forma especial, dois professores que marcaram a minha trajetória acadêmica: Suelen e George. Eles foram para mim inspiração para desenvolver esse trabalho, que seguraram minha mão e acreditaram no potencial que muitas vezes eu não enxerguei. Todos que de alguma forma contribuíram diretamente ou indiretamente e a todos os meus amigos que rezaram por mim durante esse processo.

Deus vos abençoe!

RESUMO

Essa pesquisa tem como tema principal um estudo do desenvolvimento linguístico de surdos autistas. Realizando uma revisão das obras literárias desenvolvida na área da surdez, autismo e desenvolvimento linguístico, o que nos leva a destacar a escassez que ainda existem para o desenvolvimento de surdos autistas no campo educacional. O objetivo central do trabalho é analisar às estratégias, abordagens e metodologias presentes e contribuir para as práticas de intervenções adequadas para garantir aos surdos autistas seu desempenho educacional. A mesma perpassa por pontos críticos de ambas realidades, tanto do surdo quanto do autista, expondo suas limitações de acordo com cada especificidade, exemplificando ambas condições inversas. As fontes mais importantes do trabalho foram (SANTANA; 2015, FRANÇA E PINHO; 2021, VYGOSTKY; 2007, CANÔNICO; 2020, QUADROS; 1997). A coleta de dados foi por meio de estudo das bibliografias, onde se delimitou por 5 artigos e 5 livros para construção do trabalho. Por fim, concluímos que há uma carência quanto às intervenções expostas na íntegra. Que não há efetivamente dados comprovados do desenvolvimento linguístico dos surdos autistas, mas, evidências que demonstraram uma melhora comportamental dessas pessoas após as estratégias aplicadas. Importante ressaltar a ausência de políticas públicas que viabilizem os direitos educacionais dessas pessoas.

Palavras-chave: Surdez; Autismo; Desenvolvimento Linguístico; Educação.

ABSTRACT

This research has as its main theme a study of the linguistic development of deaf individuals with autism. Conducting a review of the literary works developed in the field of deafness, autism, and linguistic development highlights the scarcity that still exists for the educational development of deaf individuals with autism. The central goal of work is to analysis the strategic, approaches, present methodology and contribute to appropriate interventions practices to ensure educational performance for individuals who are both deaf and autistic. The same traverses critical points in both realities, both for the deaf and the autistic, exposing their limitations according to each specificity, exemplifying both inverse conditions. The most important sources for the work were (SANTANA; 2015, FRANÇA AND PINHO; 2021, VYGOTSKY; 2007, CANÔNICO; 2020, QUADROS; 1997). The date collection was conducted brought a review of relevant literature, focusing on the analysis of 5 articles and 5 books to inform the construction of this study. Finally, we conclude that there is a lack of fully disclosed interventions. That there are no effectively proven data regarding the linguistic development of deaf individuals with autism, but there is evidence demonstrating behavioral improvement in these individuals following the applied strategies. It is important to emphasize the lack of public policies that facilitate the educational rights of these individuals. It is important to emphasize the lack of public policies that facilitate the educational rights of these individuals.

Key-words: Deafness; Autism; Linguistic Development; Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 — Nível e características da pessoa com TEA, segundo o nível de classificação do diagnóstico.....	Erro! Indicador não definido.
Quadro 2 – Níveis de avaliação.....	Erro! Indicador não definido.
Quadro 3 - Tipos de intervenções.....	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE TABELA

Tabela de artigos	21
Tabela de livros.....	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PECS	Sistema de comunicação alternativa e amplicada
CAA	Comunicação Alternativa e Amplicada
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEPÇÕES DE SURDEZ E AUTISMO	15
2.1 Surdez, culturaismo e linguismo.....	15
2.2 Autismo, estereotípicos e novas perspectivas	18
3 DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO.....	22
3.1 Período da aquisição.....	22
3.2 Linguagem na visão da surdez.....	23
3.2 Linguagem na perspectiva do autismo.....	25
4 ASPECTOS EDUCACIONAIS	27
4.1 Estratégias, abordagens e metodologias	27
4.2 Âmbito educacional	28
5 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E COLETA DE DADOS	30
5.1 TABELA DE REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS DE ARTIGOS E LIVROS COM OS SEGUINTE DESCRITORES: SURDEZ, AUTISMO, INCLUSÃO, EDUCAÇÃO	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos observado um notável aumento nas discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua abordagem no contexto educacional. Apesar da persistência de mitos e estereótipos, é evidente a carência de experiências, teorias metodológicas e embasamento científico para auxiliar os professores em sua interação com alunos autistas tanto nas salas de aula como nas salas de recursos do serviço de atendimento educacional especializado - AEE. A nível global, a inclusão de estudantes com TEA requer uma abordagem mais informada e sensível na educação, envolvendo a formação dos educadores, estratégias pedagógicas adaptadas e a promoção da compreensão da diversidade do autismo para construir um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e especializado. A surdez, essencialmente uma condição sensorial marcada pela ausência da capacidade auditiva, é observada em mais de 10 milhões de indivíduos no Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). A comunidade surda, ao longo da história, tem conquistado reconhecimento e direitos, mas a complexidade da interação entre surdez e autismo, bem como o processo de *atendimento especializado e aquisição linguística nesse contexto*, carece de uma análise mais aprofundada e discussão acadêmica.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (2015), estima-se que o autismo incida em aproximadamente 1% a 2% da população mundial. No contexto brasileiro, de acordo com Center of Diseases Control and Prevention (2011), estima-se que existam cerca de 2 milhões de pessoas com autismo. Diante desse cenário, podemos observar uma realidade que tem se tornado cada vez mais frequente. Com base nos dados da pesquisa realizada em 2015, é possível imaginar um aumento significativo da população com autismo, o que reflete um processo natural da evolução da sociedade. Nesse contexto, observamos que dentro da porcentagem de indivíduos autistas, um estudo do Instituto Neuro Saber (2022), destaca que aproximadamente 20% deles são não-verbais, o que significa que enfrentam desafios significativos na comunicação oral. Essa particularidade pode impactar não apenas no desenvolvimento linguístico dos alunos autistas, mas também na forma como eles se expressam e interagem com o mundo à sua volta, o que demanda uma abordagem adaptada/especializada por parte dos professores para apoiar o progresso desses estudantes.

É relevante destacar que a surdez pode coexistir com o autismo, resultando em crianças surdas autistas. Essa conjunção de condições amplia consideravelmente as complexidades no processo de diagnóstico e no atendimento, exigindo abordagens específicas e acompanhamentos personalizados.

A presença simultânea dessas condições pode ter um impacto direto no processo de aprendizado dessas pessoas e no seu desenvolvimento linguístico, o que torna a abordagem desse tema complexo, delicado e desafiador nas escolas, sendo essencial para educadores, profissionais de saúde e familiares trabalharem em conjunto para proporcionar o melhor suporte possível para alunos surdos autistas. Nesta perspectiva, nesta pesquisa observa-se pertinente abordar a interseção da surdez e do autismo considerando o sujeito surdo como alguém com uma condição sensorial e, simultaneamente, autista, caracterizado por um transtorno neurológico. Nota-se um vazio nas discussões acerca da concomitância da surdez e do autismo.

Sendo assim, esta pesquisa apresenta as seguintes hipóteses que se tornam relevantes para investigação, tais quais: no processo de desenvolvimento linguístico do surdo autista é desejado que as intervenções e estratégias são necessárias para a superação de barreiras para aquisição linguística; a capacitação e formação adequada de professores e profissionais da educação sobre as necessidades específicas de indivíduos surdos autistas são fundamentais para promover seu desenvolvimento linguístico em escolas públicas; a utilização de métodos de ensino que combinam a língua de sinais e estratégias de comunicação alternativa e aumentativa pode promover o desenvolvimento linguístico de indivíduos surdos autistas em escolas públicas.

O objetivo geral da pesquisa é investigar estratégias e intervenções que podem ser adotadas para promover o desenvolvimento linguístico de indivíduos surdos autistas em escolas públicas. Para se alcançar esse objetivo geral, entendemos que deve se realizar uma revisão de literatura sobre o tema por meio de artigos, relatos, documentos, livros em bibliotecas e bases de dados; identificar as estratégias e abordagens metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas para promover o desenvolvimento linguístico e investigar a eficácia das intervenções e estratégias adotadas para o desenvolvimento linguístico de indivíduos surdos autistas;

A pesquisa proposta adota uma abordagem qualitativa, o que implica um estudo aprofundado do objeto de pesquisa, levando em consideração o contexto em que se insere e as características da sociedade em que está inserido. Além disso, a pesquisa é de natureza aplicada, direcionando seu foco para a geração de conhecimento que possa ser aplicado de maneira prática e imediata, visando a solução de problemas específicos relacionados aos interesses locais, territoriais e regionais. Adicionalmente, esta pesquisa é classificada como exploratória, uma vez que seu objetivo principal é investigar possibilidades e cenários que ainda não foram totalmente compreendidos, adquirindo familiaridade com o tema e gerando novas perspectivas e insights sobre a situação atual. É importante salientar que, além disso, a pesquisa é de natureza bibliográfica e pois compreenderá uma revisão

bibliográfica, envolvendo a análise crítica de fontes relacionados ao tema em questão com consulta de artigos em periódicos especializados.

Sendo assim, esta pesquisa tem como problema: Quais estratégias e abordagens podem ser adotadas para promover o desenvolvimento linguístico de indivíduos surdos autistas em escolas públicas? A fim de que se responda algumas questões ainda em pendência relacionadas ao texto, esclarecimentos e soluções para a inclusão dos surdos autista dentro da educação.

Sendo assim, a pesquisa tem como ponto principal o protagonismo do surdo autista, entendendo-se que o surdo é a peça fundamental da pesquisa, visando novos trâmites para âmbito educacional, explorando múltiplas realidades e contribuindo para desenvolvimento educativo do sujeito surdo autista.

Este trabalho, resultante da pesquisa, segue uma estrutura composta por quatro capítulos. O Capítulo 1 que apresenta a introdução acerca da relevância dos temas, a hipótese, o objetivo e a metodologia. O Capítulo 2 expõe uma revisão bibliográfica abrangente e contextualizada, explorando os principais conceitos identificados na literatura brasileira relacionados ao tema. O Capítulo 3 estende-se ao processo de desenvolvimento linguístico, teorias de aquisição da linguagem, contexto geral e delimitado para o surdo e autista. O Capítulo 4 abordará as estratégias e metodologias de ensino-aprendizagem usadas para promover o desenvolvimento linguístico de indivíduos com surdez e autismo, investigando a eficácia dessas intervenções. E a conclusão final que compreenderá uma análise crítica das abordagens discutidas ao longo do artigo, destacando os principais insights e conclusões obtidos. Encerraremos o artigo, resumindo os principais pontos discutidos e apontando possíveis direções para futuras investigações na área.

2 CONCEPÇÕES DE SURDEZ E AUTISMO

O propósito fundamental deste capítulo é adentrar na questão da literatura relacionada à surdez e ao autismo, buscamos não apenas extrair informações, mas também estabelecer conexões significativas entre pontos discutidos por alguns autores. A abordagem adotada destaca a importância primordial de reconhecer que surdez e autismo são duas condições distintas, cada qual representando um universo singular e intrincado. É fundamental ressaltar que a ênfase na diferenciação entre surdez e autismo é necessária para proporcionar uma base sólida para as análises seguintes. Ao abordar a surdez como a perda total ou parcial da audição e o autismo como uma condição que impacta o desenvolvimento social, centrando-se na tríade da comunicação, comportamento e interação social, oferta-se um contexto abrangente debate para a compreensão das características fundamentais dessas condições, respaldado pela revisão bibliográfica efetuada.

2.1 Surdez, culturalismo e linguismo

Com relação a surdez observe-se que nos últimos anos, houve um confronto das perspectivas relacionadas à surdez, o que antes apenas visto como “invalidado” hoje há uma teoria que se contraponha. A surdez carrega novos significados, abrindo novos espaços para o “diferente” culturalismo e linguismo. Sobrepor essa construção social, patológica, além das objeções, pode ser algo que leve anos a ser transformado. “Se por um lado, a surdez está ligada à tragédia e à culpa, por outro, procura-se “modalizar” esse sentimento a fim de compensar as decepções causadas, distanciando-se a ideia de anormalidade, incompetência, patologia e bizarria [...]” (SANTANA, 2015, p. 28)

A dificuldade de lidar com outra língua que não seja oral faz os interlocutores surdos – inclusive os pais – se vejam diante de uma situação conflituosa, da qual preferem se afastar. E há, ainda, um medo em relação ao desconhecido, saber cuidar de uma criança surda é algo “misterioso” que necessita ser desvendado. A imagem do surdo é comparada, sem nenhum exagero, isso ocorre em função de cobranças sociais do que seja um ser humano “normal” e dos mistérios - e medos - envolvem o nascimento de um filho “anormal”. Quando os pais ouvintes tem um filho surdo, eles precisam tomar uma decisão: escolher, pelo menos inicialmente, a modalidade de língua que o filho usará – áudio verbal ou visual manual. Embora exista, em um primeiro momento, o caráter de escolha, nada garante que a opção dos pais (ou dos profissionais) corresponderá à opção futura do filho. (SANTANA, 2015, p. 28)

Nesta perspectiva, nota-se as dificuldades enfrentadas pelos pais de crianças surdas ao decidir sobre a modalidade de língua para seus filhos, destacando a resistência à adoção de línguas não orais

devido a desafios práticos e ao medo do desconhecido. A pressão social para conformidade com ideais de normalidade amplia esses dilemas. Destaca-se também a necessidade de compreensão e apoio social para superar estigmas associados à surdez e facilitar uma jornada dinâmica e multifacetada.

Para ROOTS, (1999), falta compreensão da parte da família com relação às formas de se comunicar, tendo importância o fato de que pais ouvintes com filhos surdos, deverão aprender uma nova língua, a língua de origem e conforto dos filhos. Inserindo em sua cultura e que talvez isso seja algo que família não se interessem. De toda forma, pode-se observar nos relatos de experiência, que há resistência da família quanto a língua do filho, a cultura e seus atributos. Para o autor, essa não é somente a escolha de um meio de comunicação ou da identidade cultural, é uma escolha política. Isso, por dois motivos:

A maioria das famílias ouvintes e dos profissionais da área da audiologia tende a identificar a surdez como privação, como um desafio para a interação da criança no mundo dos que ouvem. A integração social da criança é, assim, medida pela adesão ao oralismo e pelo afastamento de sua cultura surda e da língua de sinais (instrumento estranhos à estrutura social dominante); A escolha é um domínio de poder dentro da política familiar. Selecionar uma “língua visual” significa que a família também deverá aprender a construir o processo de aquisição de linguagem por meio desse modo de recepção e de expressão [...]” (SANTANA, 2015, P. 29)

Neste sentido, destaca-se que percepção predominante da surdez como uma privação, refletida na preferência por abordagens oralistas que afastam a criança surda de sua cultura e língua de sinais. A escolha da comunicação é permeada por dinâmicas de poder na política familiar, influenciada pela norma social. Reconhecer e respeitar a diversidade na forma como a surdez é vivida é crucial para promover uma integração social autêntica e inclusiva. Ainda neste sentido SANTANA 2015, P.31 no diz:

Faz um relato sobre a visão da sociedade com relação a surdez vista de tal modo, como uma abstenção e mostrando a preferência pelas línguas orais, que conseqüentemente a afastam de sua cultura. Importante ressaltar que a escolha comunicativa é permeada por um poder político, envolvendo as famílias, que por sequencia influencia no contexto social. “Vemos que a comunidade surda traz seu discurso ideologicamente marcado pelo significado que o implante coclear tem para ela: extermínio e genocídio da língua de sinais [...]” (SANTANA, 2015, p. 31)

Assim, Santana 2015, apresenta uma visão crítica na comunidade surda em relação ao implante coclear, evidenciando uma interpretação ideológica que associa esse dispositivo ao "extermínio e genocídio da língua de sinais". Tal perspectiva sugere reflexões sobre a possível ameaça à preservação da língua de sinais e à identidade cultural surda. Respeitar e compreender essas perspectivas são de

grande importância para promover uma discussão construtiva e práticas que considerem a diversidade de experiências na surdez.

Virole (2003), comenta acerca da discussão sobre o implante coclear, com relato de poder das pessoas ouvintes as pessoas surdas, como uma forma de controle da “normalidade” da sociedade. Tendo em vista o fato da experiência negativa dos surdos com relação a tal, pois quando ainda não existia uma visão que contrapor se a patologia, a surdez era vista como bizarria. Na visão de SANTANA, (2015), é possível perceber que não há um consenso com relação às perspectivas da surdez, não é sobre defini-lo deficiente ou diferente, mas a profunda reflexão é sobre o contexto social, a divulgação da cultura surda, o desenvolvimento da identidade, o ganho de espaço, a língua de sinais e comunidade surda.

Que de fato, esses termos permeiam os verdadeiros sentidos da surdez. Que trazem uma reflexão social do: o que precisa ser feito? Quais são as soluções? Trazendo sentindo a normalidade do surdo pela sua diferença. Uma pessoa surda é aquela que, por ter um déficit de audição, apresenta uma diferença com respeito ao padrão esperado e, portanto, deve construir uma identidade em termos dessa diferença para interagir-se na sociedade e cultura em que nasceu [...] (BEHARES, 1994, p.1)

Desse modo, pode-se afirmar, que a perspectiva social do ser surdo em uma sociedade ouvinte dominante, tem tido perdas cruciais para o desenvolvimento educacional das pessoas surdas. Onde ainda é possível perceber alguns comportamentos e falas que remetem ao preconceito dessas pessoas, como por exemplo: surdo-mudo. O termo é muito antigo, remetido ao passado do surdo e de determinado modo trazendo a ignorância da sociedade majoritária. Por isso, a relevância de entender a trajetória dessas representações sociais, pois no âmbito educacional de certa forma tem grandes influências na qualidade do ensino, na integração das pessoas surdas no âmbito pedagógico.

O aprendizado do indivíduo não pode ser dissociado do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Para aprender, elaborar conhecimentos e para se autoconstruir, o ser humano precisa interagir com outros membros de sua espécie, com o meio e também com a cultura (Vygotsky, 2007, p. 6)

Essa citação de Vygotsky destaca a interconexão entre o aprendizado e o contexto social, histórico e cultural. O processo de construção de conhecimento e desenvolvimento individual não ocorre isoladamente, mas sim por meio da interação ativa com outros indivíduos, o ambiente e a cultura circundante. Ainda se ressalta a importância de considerar os fatores contextuais na educação e no desenvolvimento humano, influenciando a maneira como as pessoas adquirem conhecimento e constroem suas identidades.

2.2 Autismo, estereotípicos e novas perspectivas

Nos estudos contemporâneos, o autismo traz algumas ressignificações, podendo se caracterizar por comportamentos prejudiciais do indivíduo, que são presentes no início da infância. Esses comportamentos podem estar interligados ao cotidiano da vida das pessoas que têm autismo, ocorrendo algumas perdas na área da comunicação, relacionamento pessoal e integração do sujeito com a sociedade. Segundo França e Pinho (2021, p. 39) os primeiros conceitos sobre autismo se iniciaram em 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner, que definiu autismo como Distúrbio Autístico de Contato Afetivo. Asperger 1944, propôs a psicopatia autística como um distúrbio com algumas características de transtorno severo, com foco na interação social. Sendo elas: dificuldade na fala, complicações motoras e respectivamente em sexo masculino. Ele também descreveu alguns fatos que desenvolveram esse estudo, como o contexto familiar, avaliação intelectual e âmbito educacional em que a pessoa foi inserida. (p. 40) para alguns autores, autismo é relacionado a síndrome atrelada a comportamentos peculiares, que são desenvolvidos de uma forma precoce, e divididos em 3 categorias: percepção, linguagem e cognição.

Nos estudos iniciais apontaram, o autismo infantil como desempenho genético atrelado ao déficit cognitivo, mencionando a genética como um fator primordial. De acordo com estudo de Kanner e Asperger 1970, o autismo infantil foi identificado como características anormais e geralmente segue uma série de comportamentos atípicos, mas evidentes quando a criança completa os 3 anos de idade. Essa atuação se dar principalmente na área da interação social, comunicação e alguns comportamentos repetitivos. (p.41) Serra 2019, argumenta sobre as diversas formas de descobrir uma anormalidade, algumas famílias extraem de alguns recursos e tecnologias que possui hoje, já outra somente quando já nasce e começar avaliar alguns elementos fora do comum. O mesmo ainda acrescenta que nos casos de autismo, somente na convivência, no dia a dia, percebendo o desenvolvimento seja a ausência da fala, ou um comportamento mais isolado, algumas características de super dotação e assim por diante. Ressignifica também, que a maneira de aceitação da família influencia no avanço do autista.

Vale ressaltar que este traço marcado também afeta o desenvolvimento neurológico dessas pessoas. “O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2013), baseava-se em uma tríade de comprometimentos que se identificavam pelas dificuldades na interação social, comunicação e comportamentos.

A junção dos déficits de comunicação e engajamento social em um único critério ocorreu por serem considerados sintomas semelhantes ou interligados. Com essa reformulação, as limitações no domínio da linguagem, que se constituíam um dos principais aspectos do

diagnóstico, passaram a ser um indicador dos níveis de gravidade do espectro [...] (DSM-5, 2013)

É possível observar o transtorno da linguagem, onde a pessoa pode não se desenvolver ou ter ecolalia na fala, com frases estereotipadas. Com desenvolvimento tardio e déficits comunicativos. [...]” (CANÔNICO, 2022, p. 30) SCHMIDT 2017, esclarece a manifestação do autismo em graus diferentes de severidade, mostrando de modo heterogêneo a compreensão do mesmo através da avaliação de cada sintomas. “As divisões de severidade demonstram que, a depender das dificuldades que a criança apresenta, maior ou menor é sua autonomia e necessidade de apoio. É relevante observar, ainda, que os níveis de gravidade podem variar devido a fatores como o contexto. [...]” (CANÔNICO, 2022, p. 31). É importante destacar que alguns dos sintomas podem ser influenciados por outros comprometimentos intelectuais, manifestados no conjunto de características autistas. Segundo Guedes e Tada, 2015, foram realizadas algumas pesquisas com relação às comorbidades e foi possível observar uma porcentagem altíssima de autistas com epilepsia, síndrome de down, deficiência auditiva ou outras condições congruentes. Chegando a uma percepção de que o TEA não é algo concordado, cada caso é cada caso, sendo quase que impossível chegar ao consenso. Sendo possível sim, ter características visíveis e perceptíveis, mas não algo que já esteja pronto, mas como algo que está em processo de mutação biológica.

Diante dessa realidade, pode-se dizer que conseqüentemente há múltiplas visões quando se dá o diagnóstico, levando em consideração as questões relacionadas à genética dos pais, o avanço das idades e as orgânicas. Pois, são as causas de origem dado se ao autismo. “Na perspectiva psicanalítica, por exemplo, associam as causas primordiais do autismo a distúrbios psicogênicos e relacionais. Essa condição decorre de uma deficiência na constituição do ego devido à falta de atendimento das necessidades do bebê por parte da mãe [...]” (CANÔNICO, 2022, p. 33) Como se houvesse um déficit afetivo em fase inicial de construções emocionais, onde ocorresse um bloqueio de sentimentos, influenciando para um comportamento mais retroativo, barreira de experiências, inibição das relações e desintegração social. Uma necessidade que não foi suprida afetivamente gerando dedução acerca do autismo. Toda ideia retratada é embasada na obra precursora de Kanner, que atribuiu o autismo à falta de afetividade nas famílias das onze crianças por ele estudadas. Esse tipo de relacionamento resultaria em limitações na constituição subjetiva do sujeito ou da capacidade de interagir com o meio.

Por outro lado, a busca de evidências para explicar a precocidade das manifestações do quadro autístico em bebês levou muitos estudos a levantarem hipóteses sobre a possibilidade de causas orgânicas. Diante disso, passou-se a discutir sobre as influências genéticas, neuro fisiológicas e bioquímicas como causas primordiais [...]” (CANÔNICO, 2022, p 33)

Nessa ideia, com conceitos diversificados, inclui os pais das crianças autistas, sendo eles os primeiros a observarem a anormalidade do comportamento de suas crianças e alguns atrasos, seja de linguagem ou no processo de desenvolvimento natural da criança. Segundo Miranda et al. (2020), a realização do diagnóstico começa a partir dessa percepção dos pais, da anormalidade de seus filhos, e a grande maioria retrata o desenvolvimento tardio da linguagem, sendo como um ponto crucial nessa análise. Alguns comportamentos que já são saturados como o fato de a criança não ter o contato visual, essa atenção distanciada e a ecolalia que se dá pela repetição da fala. Compreende-se também que alguns problemas comportamentais atípicos, como por exemplo, andar na ponta dos pés, girar o corpo, balançar a cabeça, todos esses são indícios do TEA. O segundo passo para diagnosticar é o clínico, que são padronizados em um questionário que possui 21 questões, podendo ser respondida com sim/não, a partir dos 24 meses de vida do bebê. Cabe ressaltar, que se, por um lado, o uso dos critérios de avaliação clínica seja um instrumento primordial para iniciar a investigação do quadro autístico, por outro, pode ser necessária a utilização de novas tecnologias e protocolos para melhor objetividade do diagnóstico. Para isso, no entanto, é importante o investimento de tempo, recursos financeiros e um maior esclarecimento sobre todos esses aspectos que norteiam os campos de pesquisa que envolvem o interesse no Transtorno do Espectro Autista. (CANÔNICO, 2022, p. 35 e 36)

Respectivo ao tema, é importante salientar, que assim como qualquer outro indivíduo, as pessoas autistas possuem suas características particulares. Não se pode definir o autismo em um padrão, como já explicado no texto acima, a condição é única, mas apresenta diferentes comprometimentos de pessoa a pessoa. Existem graus que vai do comprometimento leve aos prejuízos mais severos, como apresentado na tabela a seguir:

Quadro 1 – Nível e características da pessoa com TEA, segundo o nível de classificação do diagnóstico

NÍVEL	CLASSIFICAÇÃO
Nível 1 “exigindo apoio”	Necessidade de pouco apoio, mas estão presentes algumas dificuldades comunicativas, troca de atividade, organização e planejamento e desinteração social
Nível 2 “exigindo substancial” apoio	Apresenta déficits graves de comunicação e interação social, inflexibilidade comportamental e dificuldade de lidar com mudanças.

Nível 3 “exigindo apoio muito substancial”	Apresenta déficits graves na comunicação, interação social e linguagem, extrema dificuldade à mudança e grande sofrimento para mudar de foco ação.
---	--

Fonte: Adaptada do DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

Em resumo, tendo em vista a diversidade de abordagens epistemológicas de cada área de atuação, evidencia-se a complexidade do diagnóstico do TEA, trazendo grandes implicações e desafios. Independente das controvérsias da área, é praticamente consensual que quanto mais cedo for encontrado o diagnóstico é realizado um trabalho de intervenção, com um tratamento intensivo e direcionado à cada especificidade, menor será o comprometimento dos sintomas e o desenvolvimento social do envolvido. (BOSA; ZANON, 2016; PESSIM; FONSECA, 2015).

3 DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO

Este capítulo dirige as teorias da linguagem para funcionamento da linguagem de cada indivíduo, no contexto geral e como se dá o processo de aprendizagem, no contexto da pessoa surda e autista. Este capítulo tem uma suma importância, pois o estudo proposto é análise do desenvolvimento de linguístico de pessoas surdas autistas. Para entendermos como o desempenho de tal pesquisa, precisa-se investigar algumas teorias da aquisição e encontrar os métodos eficazes para aquisição da língua, lembrando algumas condições das pessoas surdas autistas que em alguns casos, dependendo do contexto social, familiar e educacional, pode ter prejuízos.

3.1 Período da aquisição

Assim como outros estudos, não seria diferente com as teorias relacionadas à linguagem, existem perspectivas que se contraponham umas com as outras, mas sempre levando em consideração, que há um período correto para aquisição da linguagem e caso não tenha pode haver prejuízos significativos na vida desta pessoa. Essa ideia não é nova, já vem de uma série de estudos no século 20. Para o neurologista Hughlings Jackson 1915, a língua precisava ser obtida o quanto antes, o mais cedo possível, no tempo correto, nas fases iniciais, caso contrário, seu desenvolvimento seria lento e prejudicado. Para Lenneberg 1967, o período da aquisição da linguagem duraria um espaço mais de tempo, da infância até a adolescência, pois seus estudos demonstrando algumas relevâncias para que chegasse a essa visão. Já para Mogford e Bishop 2002, esse período da aquisição encerraria aos 5 anos de idade. “A teoria do período crítico para a aquisição da linguagem baseia-se no desenvolvimento neurológico e na importância input para adquirir a fala. Enquanto o sistema neurológico está imaturo, a natureza do input determinará a sua evolução. [...]” (SANTANA, 2015, p 63) Diante desses fatos, defende-se que a aquisição tardia, pode influenciar na cognição, na linguagem e em habilidades sociais. Tendo em vista um tempo certo para essa aquisição, é necessário entender o contexto social, os estímulos recebidos e questões biológicas. A luz da literatura, encontramos alguns relatos que

decorrem do que algumas crianças já passaram durante suas vidas. Pessoas que sofrem traumas na infância, gerando um bloqueio psíquico. Algumas que foram desintegradas totalmente do convívio social.

Quando trabalham a noção de idade crítica, vários pesquisadores citam o caso de Genie, uma menina que foi privada de relacionamentos com qualquer pessoa até os 13 anos. Ela aprendeu a falar, mas possui dificuldades na sintaxe e na fonologia. Para Newport (1990) e Newport e Johnson (1999), esse fato comprova a hipótese do período crítico, já que há um déficit de competência linguística, em particular na sintaxe, para adquirir a linguagem após a infância. (SANTANA, 2015. p. 64)

Para alguns autores, esse relato de Genie não é a ocasião para se estudar a privação linguística, pois no caso de Genie, pode ocorrer interferências psíquicas e emocionais de uma vida sofrida. Ou seja, não somente no desenvolvimento linguístico, que houve essa privação, mas sim, no contexto geral, social e humano. Segundo Santana 2015, ainda não chegou a um consenso do tempo certo para aquisição, isso pode ter algumas mudanças de perspectivas de autor para autor, porém, demonstra-se que depois dos 5 anos o cérebro pode ficar mais rígido. De fato, essas perspectivas estão interligadas a um “olhar” do desenvolvimento linguístico-cognitivo.

De todo modo, há autores, como Lebrun (1983), que levantam a hipótese de que órfãos e crianças abandonadas que receberam pouco estímulo antes da adolescência geralmente não conseguem suprir totalmente seu retardo linguístico. Apesar dos esforços dos pais adotivos, a aquisição da linguagem, por ter começado muito tarde, é prejudicado e limitada. (SANTANA, 2015, p 71)

3.2 Linguagem na visão da surdez

Segundo Quadros 1997, a primeira língua (L1) das crianças Brasileiras deve ser Libras e a segunda língua (L2) deve ser o português, essa é a proposta de educação bilingue. A justificativa dessas afirmativas é justamente pelas crianças serem surdas, a condição física adentrada de pessoa com surdez. Sabe-se a realidade das crianças surdas que no contexto familiar nascem em famílias ouvintes, até que haja a integração dessa criança surda dentro da sua cultura, já houve muitas implicações e perdas linguísticas e comportamentais. A maioria das famílias ouvintes buscam pela cura da surdez ou até mesmo casos de inabilidade humana que ocorre dentro dos seus lares. A falta de ensinamentos, educação, limites pessoais deixando o filho livre, como se fosse um coitadinho, que não pudesse receber correções. “Normalmente, as pesquisas envolvem a análise de produção de crianças surdas, filhas de pais surdos. Somente esse grau de crianças surdas apresenta input linguístico adequado e garantido para possíveis análises do processo linguístico aquisição. “[...] (Quadros, 1997, p. 70)

Nesta perspectiva, o estudo de Quadros 1997, esclarece que somente 5% a 10% dessas crianças nascem em lar de pais surdos. Sendo assim podemos construir a ideia de que as crianças de pais ouvintes possuem uma perda cultural e linguística que as crianças de família geneticamente surda não possuem. O que nos leva a refletir acerca da inversão das línguas, sendo a língua portuguesa como L1 e língua de sinais adquirida tardiamente como L2. O fator da língua majoritária dos pais assim como das crianças surdas influenciarão no desenvolvimento dos filhos.

Petitto e Marantete (1991), desenvolveram um estudo acerca do balbucio de bebês surdos ouvintes, nessa pesquisa ele descobriu que esse fenômeno pode estar presente em ambos bebês, tanto surdos quanto ouvintes. “Nos bebês surdos foram detectadas duas formas de balbucio silábico e gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna. “[...] (Quadros, 1997, p. 70). Como algo que fosse próprio da natureza humana, um dom inato da natureza da linguagem. Vale ressaltar que o balbucio não é somente através de sons, mas também na realização dos sinais.

Os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio e desenvolvem o balbucio em sua modalidade. É por isso, que os estudos afirmavam que as crianças surdas balbuciavam (oralmente) até um determinado período. As vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o input favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar. (Quadros, 1997, p. 70 e 71)

Ou seja, independente da modalidade que seja a língua essa organização do balbuciar sustenta a capacidade linguística, seja ela: oral-auditiva ou visuoespacial. Há capacidade nas duas línguas como algo inato. Pode-se dizer que os primeiros sinais são observados a partir dos 12 meses de idade, conseqüentemente sofrendo alterações até os 2 anos. Outro estudo mostra que o bebê pode começar com seis meses de idade, isso se for filho de pais surdos, mas que geralmente, em grandes casos, somente com os doze meses de vida (Karnopp, 1994).

“Lillo-Martin (1986), observa eu as razões apontadas por esses estudos para explicar tal diferença cronológica baseia-se no desenvolvimento dos mecanismos físicos (mãos e trato vocal).” Petitto 1987, defende que a evolução dos gestos para os sinais só começa em torno dos 14 meses de vida, ele refere essa reprodução gestual como parte do período do balbuciar, onde começa a pré-língua. Diante desse cenário as crianças apenas com dois anos de idade começam a fazer suas primeiras combinações fonológicas, assim diz Quadros, 1997.

De acordo com Carneiro (2020) Às crianças surdas passam pelo mesmo desenvolvimento linguístico das pessoas ouvintes. Pode-se analisar as etapas perpassadas até de fato a aquisição e perceber que ambas possuem o mesmo estágio de aquisição. Assim como em qualquer outra língua, esse processo linguístico dependendo da realidade pode ocorrer algumas interferências específicas. Na língua de sinais há apenas um canal condutor, que é a visão, sendo ele totalmente dependente para o aprendizado. No que diferencia das línguas orais, pois no instante que a palavra está sendo enunciada é possível estar olhando ou fazendo outra coisa.

3.2 Linguagem na perspectiva do autismo

De acordo com as características autísticas, podemos imaginar o prejuízo indicado à fala. Se por um lado esse fator está ligado à interação social, é possível compreender os prejuízos da fala interligados a interação do sujeito no contexto familiar e social. De certo modo, sabemos que o portador do TEA traz consigo algumas desvantagens a depender do grau do biológico. A partir da perspectiva que o grau severo requer mais atenção, podemos utilizar de alguns recursos disponíveis hoje para o desenvolvimento linguístico dessas pessoas. Importante salientar, que nem todos autista tem quadro não verbal, alguns apresentam características específicas, relacionadas a compreensão da língua. Outros com descrição mais complexa de não verbalizar nada. Para casos referentes à compreensão da língua, como a ecolalia, há intervenções comportamentais com profissionais da área da terapia e fonologia.

Em casos, equivalentes à ausência da fala, será apresentado algumas intervenções pelo método PECS. PECS, um sistema de comunicação desenvolvido em 1985, pelos pesquisadores Andy Bondy e Lori Frost. “O método do PECS consiste em objetos concretos, miniaturas, pictogramas e fotos. Com o objetivo de mediar uma comunicação por meio de troca. A intervenção é feita dentro da realidade cotidiana, como por exemplo: a criança sente vontade de comer utilizando-se da figura. [...] “(WALTER, 2000; FERREIRA et al.,2017, p.32). Andy Bondy e Lori Frost foram os responsáveis por oferecer às crianças que de alguma forma possuem atraso no desenvolvimento da linguagem, uma comunicação alternativa, por troca de figuras. Existem algumas etapas que abrangem esse sistema:

1) utilizar a troca de figuras para fazer um pedido 2) Realizar uma ação com a tábua de comunicação e entregar a um adulto 3) Escolher entre uma figura ou outra 4) Solicitar itens em frases simples 5) Responder a perguntas 6) Emitir comentário livre (Bondy; Frots, 2001)

Nos estudos de Flippin 2010, da evidência as demonstrações do aumento na comunicação das crianças depois da intervenção do método do PECS. Ressaltando apenas algumas evidências observadas, mas ainda, não se pode afirmar que o método é totalmente responsável pelo desenvolvimento comunicativo das crianças autistas. Em geral, o autor retrata que há muitos métodos de CAA para pessoas com quadro autístico que podem ser não verbais ou alguma que tenha dificuldade na linguagem. Até o presente momento não há um método que norteiam essas intervenções clínicas de forma efetiva.

Contudo, a CAA traça o objetivo de instruir um código oposto ao oral, com a disposição de melhoria na interação social, manifestações de sentimentos e comunicação fluida. CAA designa vários sistemas como símbolos estratégicos que auxiliam na linguagem que muitas vezes é prejudicada ou alheada. (MACEDO e ORSATI, 2011; QUEIROZ et al., 2018, p.30).

4 ASPECTOS EDUCACIONAIS

De fato, a aquisição linguística não está apenas associada ao sistema de regras e conjuntos da língua, mas à percepção. E nesse caso das crianças autistas o desafio das línguas de sinais pode estar presente ao longo desse desenvolvimento, justamente pelas habilidades específicas encontradas dentro da modalidade gestual-visual. Como já abordado, o TEA possui esse conjunto de características neuro biológico, que consequentemente influencia na aquisição da língua. O desenvolvimento da linguagem está relacionado ao diálogo entre os interlocutores. Por isso, quem ouve pode receber a informação sem necessariamente depender de um canal, mas a criança surda necessita e depende de olhar para aprender.

Às crianças autistas em suas características biológicas, apresentam alguns comportamentos que podem comprometer a aquisição da língua de sinais, como por exemplo a ausência do contato visual. A ecolalia, outra dessas características, que é a repetição do enunciado, acarretando e comprometendo a compreensão dos aspectos linguísticos (Carneiro, 2020).

4.1 Estratégias, abordagens e metodologias

A reabilitação das crianças surdas autistas nas escolas requer um trabalho de intervenção intensiva, onde buscam proporcionar aos pais o apoio necessário e a escola a parceira com clínicas e profissionais da área da saúde. O presente tópico apresentará algumas estratégias já propostas até o momento atual, levando em consideração os desafios encontrados pelo caminho. "A comunicação é a base da educação e a criança surda autista apresenta uma grande diversidade no que se refere às

habilidades comunicativas, considerando suas limitações, competências e potencialidades." [...] (França e Pinho, 2020, p. 81)

Quadro 2- Níveis de avaliação

(i)	(ii)	(iii)
aos aspectos linguísticos da língua de sinais, considerando as etapas de aquisição	às habilidades funcionais da criança, considerando a língua em uso	a um desenvolvimento atípico da língua de sinais.

Fonte: autora, 2023

A análise do desenvolvimento do aluno surdo foi apresentada por Quadros 2004, existem os níveis descritos pela autora: Nível 0+ (0 a 12 meses), nível 1 (aproximadamente 1 ano), nível 2 (1 a 2 anos), nível 3 (2 a 3 anos), nível 4 (3 a 4 anos), nível 5 (5 a 6 anos), nível 6 (6 a 7 anos) e nível 7 (11 a 13 anos). O professor observava as capacidades de acordo com as perguntas, para estabelecer o nível linguístico mais objetivo. Às perguntas de cada nível eram relativas à idade das crianças. É interessante que o profissional seja adepto para a avaliação, nesse caso que tenha domínio das línguas de sinais, "As interações sociais e ambiente familiar em que a criança está inserida podem incentivar sua independência funcional. Sua permanência em um ambiente favorável facilita um desenvolvimento normal." [...] (FRANÇA E PINHO, 2020, p. 84).

Porém, é importante ressaltar, que um ambiente inverso a esse pode trazer sérios comprometimentos no desenvolvimento, exploração e interação. A presença desses estímulos pode alcançar sua independência funcional, mas na ausência restringe e priva suas habilidades. Carneiro 2020, evidência que entender a realidade, o funcionalmente das crianças surdas, tanto em sua linguagem, ajuda. Conhecer em seu contexto social, se a criança está exposta a interações. "Os distúrbios de linguagem presentes nas línguas orais também se manifestam nas línguas de sinais" [...] (FRANÇA E PINHO, 2020, p. 85).

Segundo Barbosa 2016, existem anomalias naturais, que influenciam no desenvolvimento da linguagem e podem nascer uma língua atípica. Isto não está ligada à ausência da audição, mas um fator interno. Essa condição não deriva de uma variação da língua, mas delimita ao uso de grupos minoritários de surdos. Lembrando que essa implicação traz prejuízos na produção de língua de sinais e compromete a compressão sinalizado.

4.2 Âmbito educacional

É nótório que o processo de alfabetização das crianças típicas já possui um passo a passo dentro das escolas regulares, o que nos leva a refletir o quanto ainda falta para o processo das crianças atípicas. O que pode trazer grandes desafios aos profissionais envolvidos. A surdez cognitivamente não há atalho, em contrapartida, o autismo sim. O papel da escola é observar, entender e ofertar a essas crianças do grupo atípico o ambiente inclusivo.

Em síntese, incluir uma parceria entre a escola e família, traz grandes benefícios. Compreender que cada criança possui suas especificidades evolui no processo de atendimento. A exposição da criança no programa de desempenho consiste de forma individual, levando em conta a condição de cada criança, segundo Knoors e Vervloed (2003).

Borders, Bock e Probst (2016), na procura de mediação dos surdos autistas, detectaram a falência na direção que norteiam e falta de investimentos para os profissionais e demais públicos que estão na lida com esse grupo específico. De fato, esse grupo citado atende pela necessidade de um atendimento incomum, que exige práticas e intervenções contemporâneas, que adequam o quadro de cada criança. De acordo com as práticas expostas de intervenções, os autores selecionaram três:

Quadro 3- Tipos de intervenções

(i) reforço	(ii) uso de vídeos para capacitação dos pais	(iii) o sistema de comunicação por troca de figuras.
--------------------	---	---

Fonte: autora, 2023

Nesse primeiro item, o aluno é exposto a alguns comandos físicos e reforços sociais. No exercício proposto ele precisava compreender a negação de um pedido. Foi observado um comportamento negativo, diante dessa prática. Na segunda, o seu pedido foi negociado na medida que o aluno fizesse sua atividade, a prática acarretou um comportamento negativo inferior a primeira. Na terceira, novamente exposto a condição de fazer a atividade e depois ser realizado seu pedido. O aluno cumpriu o acordo proposto e o seu comportamento não teve estado de negação.

No segundo item, os pais foram sujeitos a um vídeo de conscientização correlação a realidade de seus filhos, o vídeo contou com uma estratégia de estimulação e possíveis formas de interação entre seus filhos. Ao final, cada responsável teve seu momento em particular com o profissional para que pudesse estabelecer algumas intervenções de acordo com a realidade de cada criança.

No terceiro item, em estudo de caso, uma criança de 10 anos de idade, utilizando o PECS (sistema de comunicação por troca de figuras). A criança apresentava um quadro de surdez e não verbal, aplicando essa intervenção no intervalo de quatro meses. Foi ajustado tanto no âmbito familiar

quanto escolar. Ao longo do tempo foi se percebendo o desenvolvimento daquela criança, tanto socialmente quanto nas línguas de sinais.

Os autores destacam a importância de intervenções, uma vez que as crianças surdas autistas demandam relevantes práticas.

5. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa bibliográfica, foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico, considerado fonte confiável e abrangente para coletar informações acadêmicas. A seleção de descritores é uma etapa essencial para direcionar a pesquisa e obter resultados relevantes. Os descritores escolhidos desempenham um papel crucial na busca por artigos, estudos e pesquisas relacionados ao tema. O mapeamento das revisões foi feito por meio de livros e artigos, com os seguintes descritores: “surdez” “autismo” “surdos autistas” “aquisição linguística”. A pesquisa foi delimitada com estudos publicados nos anos de 2000 a 2023. Esses descritores foram selecionados para abranger os aspectos essenciais relacionados à surdez e autismo e aos processos de aprendizagem, bem como às intervenções educacionais e estratégias de ensino direcionadas a alunos com essas condições.

A utilização desses descritores ajuda a garantir que a pesquisa seja direcionada aos tópicos específicos de interesse e que os resultados sejam relevantes para a investigação em questão. Com base nesses descritores, a pesquisa bibliográfica foi conduzida com o objetivo de identificar estudos, teorias e práticas educacionais relacionadas à surdez e ao autismo no contexto brasileiro, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das necessidades e desafios enfrentados por esses alunos e professores e para o desenvolvimento de ações que melhorem os seus processos de aprendizagem nas escolas.

Este estudo adota a abordagem qualitativa de pesquisa, seguindo a perspectiva de Gil (2008), o que implica um estudo aprofundado do objeto de pesquisa, levando em consideração o contexto em que se insere e as características sociais em que está inserido. A pesquisa é de natureza aplicada, direcionando o foco para geração de conhecimento que possa ser aplicado de maneira prática e imediata na vida das pessoas surdas autistas, visando a solução de problemas específicos relacionados a esse interesse. Para isso, utiliza-se o método de análise bibliográfica, por meio da consulta a livros, revistas, leis e sites, com o objetivo exploratório de proporcionar um maior entendimento do problema proposto.

A coleta de dados foi norteada com a leitura dos resumos dos artigos que contemplavam os descritores propostos, resultando em um total de 32 artigos e 10 livros selecionados para análise. Esse processo de seleção foi realizado de forma criteriosa, a fim de garantir a relevância e a adequação dos artigos e livros ao tema de pesquisa proposto. Nesse sentido, a pesquisa buscou seguir um rigor metodológico, baseado em critérios objetivos e consistentes, para assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos. Em seguida, iniciou-se averiguação criteriosa dos livros e artigos para definir corretamente a problemática da temática escolhida. De acordo com essa seleção os artigos e livros, foram adotados ou excluídos. Após, esse processo de escolha, foram selecionados 5 artigos e 5 livros, que proporcionaram o conteúdo adequado em combinação com tema. Os artigos e livros foram expostos na tabela, no item 5.1. As obras norteiam a surdez e autismo a luz da literatura desenvolvida, contribuindo de forma gradual para o objetivo da pesquisa.

5.1 TABELA DE REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS DE ARTIGOS E LIVROS COM OS SEGUINTE DESCRITORES: SURDEZ, AUTISMO, INCLUSÃO, EDUCAÇÃO

TÍTULO	BASE DE DADOS	DESCRITORES	PUBLICAÇÃO	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
---------------	----------------------	--------------------	-------------------	------------------------------	------------------------------

Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura	Google Acadêmico	Autismo; intervenções intensivas precoces no desenvolvimento; programas de intervenção; evidência	Revista Educação Especial ISSN: 1808-270X ISSN: 1984-686X revistaeducacoespecial. ufsm@gmail.com Universidade Federal de Santa Maria Brasil	Discussões sobre o desenvolvimento das crianças autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
Autismo: neuroimagem	Scielo	Síndrome autística; Imagem por ressonância magnética; Tomografia computadorizada por emissão; Estimulação acústica; Percepção auditiva	ERM 0205 INSERM CEA, Serviço Hospitalar Frédéric Joliot, Orsay, França 2 Serviço de Radiologia Pediátrica, Necker-Enfants Malades Hospital, Paris, França 3 Université Paris V, Paris, França – 2006	Discussões sobre o desenvolvimento das pessoas autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
MODOS DE FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: um olhar dialógico-discursivo e multimodal para os dados de uma criança entre 5 e 6;8 anos	Google Acadêmico	Transtorno do Espectro Autista; Multimodalidade; Responsividade; Atenção Conjunta	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP - 2022	Discussões sobre o desenvolvimento das crianças autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023

TEA: Uma ferramenta no auxílio da aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, baseada na metodologia ABA	Google Acadêmico	Autista; TEA; ABA; games; comportamento	XII SBC – Proceedings of SBGames – São Paulo – SP – Brazil, October 16-18, 2013	Discussões sobre o desenvolvimento das crianças autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
Autismo e Inclusão Escolar	Google	Autismo; Sociedade; Diversidade; Mitos; Inclusão	APOIO E REVISÃO Autismo em Evidências formado em 2017 para pensar e debater questões relacionadas ao autismo e as mais recentes evidências científicas sobre o tema. Fazem parte do Autismo em Evidências: Aline Veras, Amanda Paschoal, Adrianna Reis, Adriana Torres, Fernanda Santana, Giselle Zambiazzi, Iara Assessú, Melania Amorim, Rita Louzeiro. Disponível eletronicamente no endereço: www.comunicandodireito.com.br	Discussões sobre o desenvolvimento dos estudantes autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
Considerações da Aplicação do Método PECS em	Google Acadêmico	PECS. Autismo. Fonoaudiologia. Comunicação Alternativa.	EVS Pontifícia Universidade Católica de Goiás e-ISSN 1983-781X Qualis B3	Discussões sobre o desenvolvimento dos estudantes autistas, por	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023

Indivíduos com TEA				meio de estudos contemporâneos.	
Revisão de Estudos Sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) Para o Ensino de Linguagem a Indivíduos com Autismo e Outras Dificuldades de Fala	Google academico	Educação Especial. PECS. Autismo. Distúrbios da comunicação.	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.	Discussões sobre o desenvolvimento dos estudantes autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
TÍTULO	AUTOR	DESCRITORES	PUBLICAÇÃO	CRITÉRIO DE INCLUSÃO	CRITÉRIO DE EXCLUSÃO
SURDEZ E LANGUAGE M: aspectos e implicações neurolinguísticas	Ana Paula Santana	Surdez, Linguagem, Cognição	5. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2019.	Discussões sobre as crianças surdas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista	Marcia Goldfeld	Criança, Surdez, Educação	7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.	Discussões sobre as crianças surdas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
Libras e autismo: um diálogo possível?	Rael A. Lopes e Cibelle A. De La Higuera Amato	Libras, Autismo, Educação	Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.	Discussões sobre as crianças surdas autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023

Educação de surdos: a aquisição da linguagem	Ronice Muller de Quadros	Surdez, Educação	Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.	Discussões sobre as crianças surdas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023
Autismo: tecnologias e Formação de Professores para a Escola Pública	George França e Katia Rose Pinho	TEA, Inclusão, Tecnologia	Palmas. Editora: Nagô, 2021.	Discussões sobre o desenvolvimento dos estudantes autistas, por meio de estudos contemporâneos.	Artigos selecionados dos anos 2000 a 2023

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão de literatura até o presente momento tem correspondido a expectativa do trabalho, contribuindo de forma eficaz para construção do texto. Como exemplificado na introdução, o trabalho é com base em algumas obras já escritas acerca dos temas: surdez, autismo e desenvolvimento linguístico. Portanto é possível através das leituras levar a uma reflexão do tema, pois as obras são de suma importância e com relevância para sociedade.

Vimos sobre a surdez e como há diferentes perspectivas de acordo com o livro *A Criança Surda*, além do que possamos imaginar que essa temática traz uma profunda atenção para a sociedade ouvinte e pais que têm filhos surdos. Um livro que contribui para a educação da criança surda e dos aspectos cognitivos, sendo um apanhado de conhecimento para área profissional que tem se expandido no Brasil. Trata-se também do apelo à aceitação da cultura e identidade surda, a “normalidade” de surdos que optem pela sua língua, pela luta de espaço da comunidade surda. Surdez não é uma doença, surdez é uma condição que impossibilita o surdo em sentidos sonoros, mas que são aguçados em outros sentindo com novas habilidades.

Retratamos o autismo como um distúrbio neurológico, o que também não é uma doença. Obviamente que ao contrário da surdez, o autismo requer alguns cuidados e estratégias diferentes, pois já entramos na área cognitiva do ser humano. De acordo com as pesquisas, há uma amplitude de pesquisa correspondente ao tema, longe de ser consensual, o autismo tem suas diferentes formas de expressão dependendo de cada caso. É um tema inseguro de ser pesquisado, pois há diferentes perspectivas, diferentes visões. Alguns apontam o autismo como um déficit de afetividade com suas mães e outros já apontam como algo que veio diretamente da genética, seja pela idade avançada do pai ou outros aspectos.

Diante desse cenário, podemos concluir que há muitas versões de pessoas surdas, que é impossível definir um desenvolvimento de identidade padrão. Há surdos que geneticamente nasceram assim, há surdos que nasceram ouvintes e por consequência de uma doença ficam surdos. Há surdos que têm perdas significativas de audição ou até mesmo que são surdos profundos. Surdo que nunca tiveram contato com sua cultura e acabaram entrando, se adaptando a realidade imposta, que na maioria das vezes é o uso do aparelho auditivo ou do implante. Cada um em sua especificidade, da mesma forma que hoje é complexo chegar em um consenso de autismo. Pois cada indivíduo possui sua identidade, melhor dizendo, seu grau, sendo eles levemente, moderado ou severo. Importante ressaltar também a realidade em que se encontra o indivíduo, seu contexto social, familiar e educacional. Todos

os âmbitos influência para o desenvolvimento pessoal, então pode-se dizer que essas duas realidades distintas trazem algumas reflexões nesse contexto geral. Durante muito tempo a surdez foi vista como “anormalidade”, mas hoje há uma construção cultural e linguística. Obscuramente o autismo ainda tem suas percepções distorcidas pela sociedade, como uma “doença intelectual” estereótipos que foi se construindo ao longo de toda história.

Acrescentamos, para elaboração do texto alguns tópicos sobre o desenvolvimento linguístico, a aquisição da linguagem humana, apontada como uma idade para se desenvolver linguisticamente e alguns casos de isolamento que prejudicou na aquisição e no desenvolvimento. Para alguns autores, normalmente o desenvolvimento se dá até os 5 anos, porém outros dizem que isto pode ser relativo dependendo da realidade familiar. Portanto, ao tentar compreender as semelhanças e as diferenças no desenvolvimento, precisamos observar as características herdadas que dão a cada pessoa um começo especial na vida. Precisamos também considerar os muitos fatores ambientais que influenciam as pessoas, especialmente os contextos mais importantes da família, do bairro, da condição socioeconômica, da etnicidade e da cultura. Precisamos observar as influências que afetam muitas ou a maioria das pessoas em uma determinada idade ou em uma determinada época na história, além daquelas que afetam somente certos indivíduos. Finalmente, precisamos observar como o tempo de ocorrência pode afetar o impacto de algumas influências

Às estratégias, abordagens e metodologias desenvolvidas até o presente momento não garante uma evolução efetiva para o quadro das pessoas surdas autistas, mas, há algumas evidências baseadas em comportamentos que demonstram um avanço positivo nesses casos. Importante observar que toda a realidade gira em torno da família × escola × clínica.

Pois, mesmo que haja uma intervenção no âmbito educacional, essa criança precisa sofrer estímulos no seu contexto familiar. Claramente, o diagnóstico precoce dessas crianças ajudará nas mediações ainda nos primeiros anos de vida. O que nos faz refletir que ainda há a escassez de políticas públicas que contemplem essas famílias, que instruem e viabilizem o mesmo padrão educacional dessas crianças. Ressaltando ainda, que a sistematização da escola não garante ao aluno surdo autista esse desenvolvimento, muito pelo contrário, o mesmo está inserido no plano educacional, mas, na ausência das experiências. Quanto aos profissionais, que na maioria das vezes não têm formação capacitada para acompanhar aquele aluno, ou seja, déficit de políticas que englobam recursos para formação desses profissionais.

Profissionais que entendem a realidade das crianças com quadro de surdez e autismo, exposto a experiência de integração educacional a essa crianças, transformando a realidade de ensino-

aprendizagem. Famílias mais conscientizadas, conhecendo e estimulando a realidade de seus filhos, estabelecendo ordem e os impulsionando para a vida.

REFERÊNCIAS

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. 5. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2019.

LOPES, Raquel Aparecida; AMATO, Cibelle Albuquerque de La Higuera. **Libras & Autismo-um diálogo possível?**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

DE QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

FRANÇA, G.; PINHO, K. R. **Autismo: Tecnologias e formação de professores para a escola pública**. Palmas. Editora: Nagô, 2021.

MIZAEL, Tâhcita Medrado; AIELLO, Ana Lúcia Rossito. Revisão de estudos sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) para o ensino de linguagem a indivíduos com autismo e outras dificuldades de fala. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, p. 623-636, 2013.

DE OLIVEIRA, Gabriela Coelho et al. Considerações da aplicação do método PECS em indivíduos com TEA. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 42, n. 3, p. 303-314, 2015.

CANONICO, Silvia Aparecida. Modos de funcionamento da linguagem na criança com Transtorno do Espectro Autista: um olhar dialógico-discursivo e multimodal para os dados de uma criança entre 5 e 6; 8 anos. 2022.

ZILBOVICIUS, Mônica; MERESSE, Isabelle; BODDAERT, Nathalie. Autismo: neuroimagem. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s21-s28, 2006.

MOTA, Ana Carolina Wolff; VIEIRA, Mauro Luis; NUERNBERG, Adriano Henrique. Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-27, 2020

CAMPOS, Caroline de Carvalho Pereira de; SILVA, Fernanda Caroline Pinto da; CIASCA, Sylvia Maria. Expectativa de profissionais da saúde e de psicopedagogos sobre aprendizagem e inclusão escolar de indivíduos com transtorno do espectro autista. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 35, n. 106, p. 3-13, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15/05/2023 às 10h

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro DE 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL